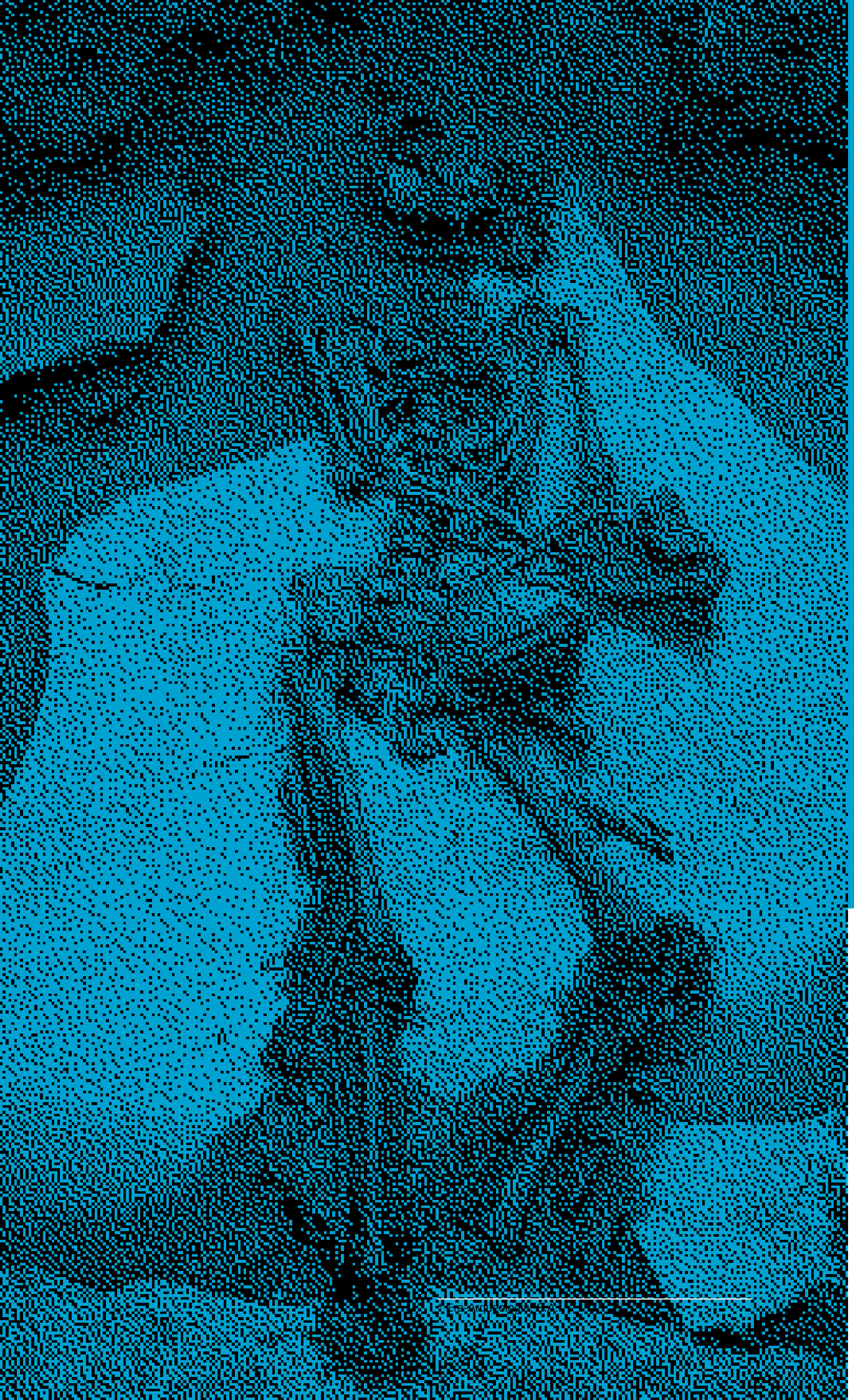


Necrópole de S. Martinho: análise preliminar dos dados arqueológicos e antropológicos.

Iola Filipe (Arqueóloga)*
Sandra Brazuna (Arqueóloga)*
Vítor Matos (Antropólogo)
Joana Freitas (Historiadora)

Introdução

As obras de saneamento básico realizadas na cidade de Leiria, em 2000/2001, colocaram a descoberto, na Praça Rodrigues Lobo[1], algumas estelas de cabeceira e lajes monolíticas de grandes dimensões. Este achado implicou a realização de trabalhos arqueológicos, contratualizados entre a Câmara Municipal de Leiria e a empresa Era-Arqueologia, S.A., que decorreram entre Novembro de 2000 e Março de 2001, de forma a avaliar a importância arqueológica da área em questão. A necessidade de uma intervenção de emergência justificava-se ainda devido ao conhecimento prévio de contextos funerários nesta área, informação resultante de escavações anteriores (ZÚQUETE, 1943 e CÔRTE-REAL, 1993) que alertavam para a existência na praça de uma necrópole associada à antiga Igreja de São Martinho.

Assim, e tendo em atenção a informação já disponível, os trabalhos arqueológicos tinham como principal objectivo, numa primeira fase, avaliar a potencialidade



Figura 1
Implantação da vala na Praça Rodrigues Lobo.

arqueológica da área a ser afectada pelas obras de saneamento básico. Esta intervenção no troço de vala já aberto e o acompanhamento do início da abertura do segundo, complementado aqui pela realização de pequenas sondagens pontuais[2], permitiu concluir que os vestígios arqueológicos não tinham sido destruídos pelas diversas remodelações sofridas por este espaço, sendo, portanto, necessário proceder à escavação integral da área em causa. Tendo em conta que os contextos arqueológicos se encontravam preservados, tendo-se identificado em ambos os troços tampas de sepultura e estelas de cabeceira, bem como enterramentos sem sepultura, com esqueletos perfeitamente preservados, a caracterização da necrópole medieval/moderna de S. Martinho passou a representar o principal objectivo da intervenção, a par com a identificação de estruturas relacionadas com a Igreja.

A Igreja de São Martinho

A igreja, construída quando o bairro de S. Martinho já existia, terá sido "um acto final, resultado da ocupação humana daquele sítio, e não o seu motor propulsor" (GOMES, 1990: 58). Isto justifica a localização periférica que a igreja apresentava em relação ao aglomerado central do bairro inicial[3].

As notícias que se recolheram sobre a igreja são escassas e lacunares. Embora seja referida numerosas vezes em documentos coevos – os tabeliães oficializavam actos públicos "no adro da igreia de ssam Martynho a porta prinçipall"[4], algumas famílias tinham casa junto à igreja[5] ou manifestavam por meio de testamento o desejo de serem enterradas "so Alpender de San Martinho"[6] –, todos estes testemunhos, ainda que salientando a importância da igreja, não nos dão muita informação sobre ela. O Couseiro é, aliás, a única fonte conhecida que a descreve com mais minúcia, mas não há

A igreja, construída quando o bairro de S. Martinho já existia, terá sido "um acto final, resultado da ocupação humana daquele sítio, e não o seu motor propulsor"

conhecimento de qualquer planta da sua estrutura ou descrição do seu aspecto exterior, devendo os arquivos paroquiais ter sido destruídos, como tantos outros, durante as invasões francesas, no incêndio dos Paços Episcopais.

Assim, segundo o Couseiro (1869: 33), os alpendres e adro da Igreja de S. Martinho estender-se-iam pelo espaço que é hoje a praça, sendo suficientemente grandes para que neles se realizasse a feira semanal. Nos pisos térreos dos edifícios circundantes encontravam-se oficinas, tabernas, barbearias e estrebarias, sugerindo a toponímia das ruas circundantes, que este era um local de intensa actividade social e comercial.

A crescente importância económica da praça justificou que ela se tornasse também o centro administrativo da vila com a deslocação, em 1423, das Casas do Concelho da Alcáçova para aqui[7]. Com elas vieram também a prisão concelhia e o Paço dos Tabeliães.

Embora a freguesia de S. Martinho fosse uma área predominantemente de mercadores e mesteirais, os homens do poder local e os nobres também procuraram instalar-se aqui por uma questão de prestígio social. Em 1488, o alcaide-mor, Marquês de Vila-Real, tinha um palácio junto à Ponte de S. Martinho. Outros oficiais da Coroa, vereadores do concelho e clérigos possuíam igualmente habitações nas imediações da praça.

Por tudo isto, S. Martinho tornou-se o centro deste aglomerado urbano em crescimento, mas um centro limitado pelo diminuto espaço do caos urbanístico de uma vila medieval, que se mostrava cada vez mais pequeno, à medida que a população aumentava e a sua importância como centro económico e administrativo crescia. Por esta altura, difundiam-se por toda a Europa os novos conceitos do urbanismo renascentista. A tratadística sobre a cidade moderna defendia a abertura de ruas e espaços amplos, a ordem, a luz e a geometria, por oposição aos becos escuros e sinuosos dos centros da Idade Média.

O programa urbanístico do bispo D. Frei Brás de Barros[8], que visava conjugar os velhos valores medievais com os novos valores modernos, implicou, por um lado, a construção de mais alguns edifícios religiosos, como a Misericórdia, o Convento dos Agostinhos e a Sé, e, por outro, a abertura de uma nova praça em S. Martinho e a regularização de determinadas ruas existentes.

[1] A Praça Rodrigues Lobo situa-se dentro do perímetro urbano da cidade de Leiria, a Sul do Castelo e a Norte do Rio Lis, freguesia e concelho de Leiria (Carta Militar de Portugal, folha n.º297, 1983).

[2] A partir do momento em que se identificaram esqueletos ou sepulturas que excediam os limites das áreas previamente definidas, optou-se por não ter em conta esses limites, já que seria truncar artificialmente as realidades detectadas. A intervenção nas sondagens, diagnóstico revelou que os contextos funerários estavam preservados, tendo-se identificado esqueletos em conexão anatómica depostos sobre lajes de cobertura de sepulturas, indício de que as realidades não se encontravam remexidas, justificando-se deste modo, a escavação integral de toda a área.

[3] Segundo o Couseiro, "depois de se povoar o sitio d`esta cidade, que ora é, se fez a egreja de S. Martinho, no logar em que de presente está a Praça, com seus alpendres; e era egreja grande e paroquial" (O COUSEIRO, 1869, 32).

[4] ANTT – Alcobaça, 2.ª inc., m.º 70, doc. n.º 3, (1486, Jan. 2, Leiria).

[5] ANTT – S. Clara de Coimbra, cx. 4, séc. XV, n.º 92, (1446, Fev. 14, Coimbra).

[6] ANTT – S. Cruz de Coimbra, 2.ª inc., m.º 18, alm. 11, m.º 7, n.º 10.

[7] ANTT – Alcobaça, Dourados, livro 3, fls. 88-89, n.º 186, (1423, Fev. 20, Leiria).

[8] D. Frei Brás de Barros foi nomeado bispo de Leiria, em 1545.

Assim, a actual Praça Rodrigues Lobo nasceu de um contrato entre o bispo e a cidade em que se determinou "que a igreja de sam martinho se tirase que ho assento della eo adro ficase devoluto a dita cydade pera se edificar em praça, sem se poder em nhu tempo converter"[9]. Em 1553, um documento dirigido ao rei referia a existência de apenas quatro igrejas em Leiria[10], o que significa que S. Martinho já tinha desaparecido.

Desde o século XVI até aos dias de hoje, a praça sofreu inúmeras remodelações. Num mapa de 1809, a Capela da Graça surgia no local onde hoje se situa o edifício do Ateneu, tendo sido aí construída depois da destruição da Igreja de S. Martinho (O COUSEIRO, 1869: 34). O edifício da Câmara foi alterado ainda na época moderna e aqui permaneceu até 1910. No século XVIII, foi construída a arcaria que permanece até hoje no lado meridional da praça. Também neste período desapareceu o Palácio dos Marqueses de Vila-Real e a Ponte de S. Martinho. Já no século XX, a praça foi rasgada para permitir a instalação do saneamento básico, da electricidade e das telecomunicações.

Embora a freguesia de S. Martinho fosse uma área predominantemente de mercadores e mesteirais, os homens do poder local e os nobres também procuraram instalar-se aqui por uma questão de prestígio social

Os contextos arqueológicos

A área intervencionada foi condicionada pela vala previamente aberta para a implantação das condutas do saneamento básico. Por esta razão, a informação aqui apresentada encontra-se truncada pelas condicionantes físicas impostas à escavação.

Registou-se uma grande densidade de sepulturas (77), dispostas não só horizontalmente, verificando-se igualmente uma sobreposição na vertical de várias estruturas tumulares, com especial incidência para o segundo segmento da vala.

Relativamente aos enterramentos, exumou-se um total de 162. No entanto, salienta-se que alguns destes não foram recuperados na sua totalidade, devido ao facto de muitos se encontrarem parcialmente fora dos limites da sondagem. A maioria apresentava grandes alterações tafonómicas e deposicionais, quer recentes (inundações durante a fase de escavação), quer mais antigas (possivelmente relacionadas com a frequente utilização da necrópole, mas também pela proximidade do rio e consequentes cheias, que, segundo Gomes (1990), deveriam ser frequentes no período em causa).

As Sepulturas

Uma parte importante da análise interpretativa dos dados resultantes da escavação na Praça Rodrigues Lobo diz respeito à classificação das estruturas tumulares, podendo o modo de construção, assim como a forma, ser usados como elementos caracterizadores da sequência temporal verificada na necrópole.

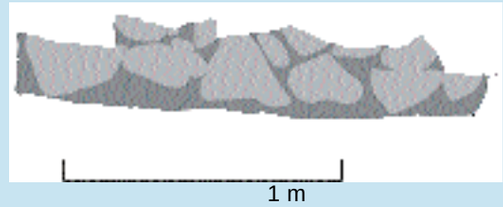
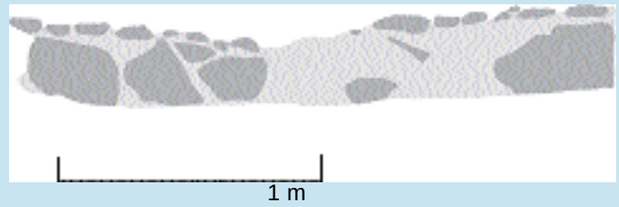
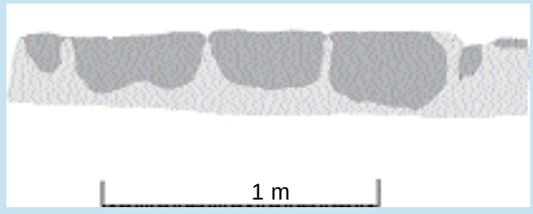
Tipo Construtivo

As estruturas tumulares identificadas na Necrópole de S. Martinho evidenciam soluções construtivas diferenciadas apresentando, pequenas variantes que tornam a sua interpretação mais complexa. O modo de construção de uma sepultura poderá ter um significado cronológico ou meramente social, dualidade nem sempre perceptível.

A inclusão das estruturas tumulares em grandes grupos classificativos representa uma tentativa de simplificação das realidades observadas, tendo como objectivo último uma percepção mais objectiva da informação.

A maioria das estruturas tumulares encontrava-se imediatamente coberta por lajes de calcário de média dimensão e formas irregulares, dispostas transversalmente. No entanto, em algumas situações, não se verificou a existência de qualquer tipo de cobertura, não sendo possível determinar se esta ausência é intencional ou se resulta de acções pós-deposicionais *(figura 2)*.

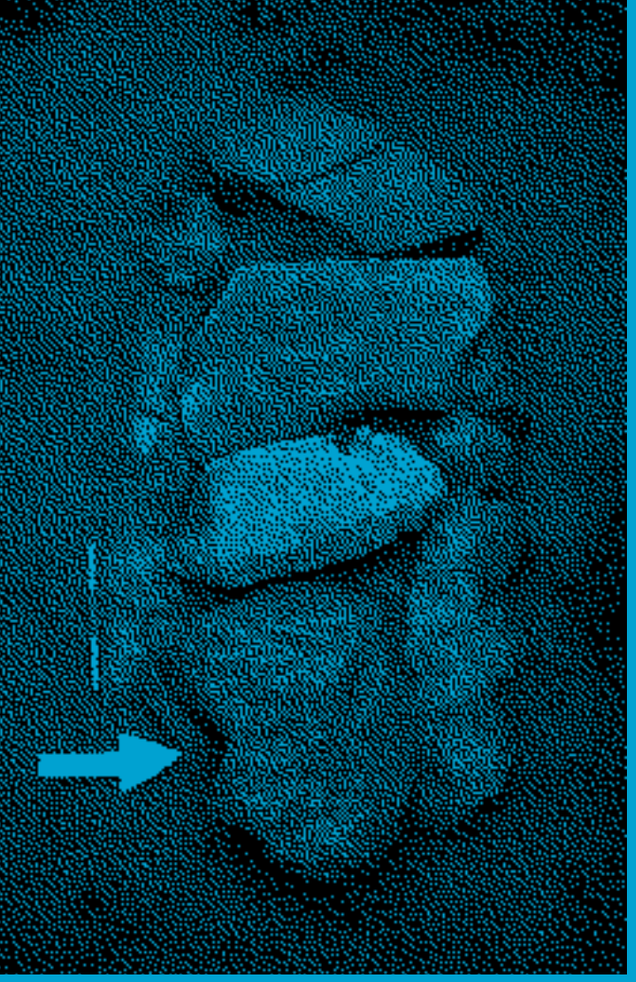
No troço 1 da vala, parte das sepulturas encontrava-se sinalizada, num plano superior, por grandes lajes monolíticas e estelas à cabeceira e aos pés. *(figura 3)*

Tipo	Características	Alçados
I	Valas no substrato geológico.	
II	Sepulturas construídas com calhaus e blocos de calcário e quartzito sem nenhum elemento de ligação. Em algumas estruturas tumulares observa-se a combinação entre alguns elementos aparelhados e outros em bruto, enquanto que noutras os elementos pétreos se encontram apenas em bruto.	
III	Sepulturas construídas com blocos de calcário e quartzito de dimensões variáveis. A organização dos materiais de construção segue o mesmo padrão descrito para o Tipo II, sendo a variante a presença de argamassa, não só como elemento de ligação, mas funcionando igualmente como material de revestimento das paredes da sepultura.	
IV	Sepulturas construídas com blocos de calcário de grandes dimensões, aparelhados, talhados e ligados por argamassa, funcionando esta também como elemento de revestimento. A altura do bloco de calcário representa a profundidade máxima do sepulcro.	

Quadro 1: Tipos Construtivos

[9] ANTT – Conventos de Tomar, vermelho, m.º 38, n.º 793, (1546, Nov. 3, Leiria).

[10] ANTT – Corpo Cronológico, parte I, m.º 90, n.º 25, (1553, Maio 27, Leiria).



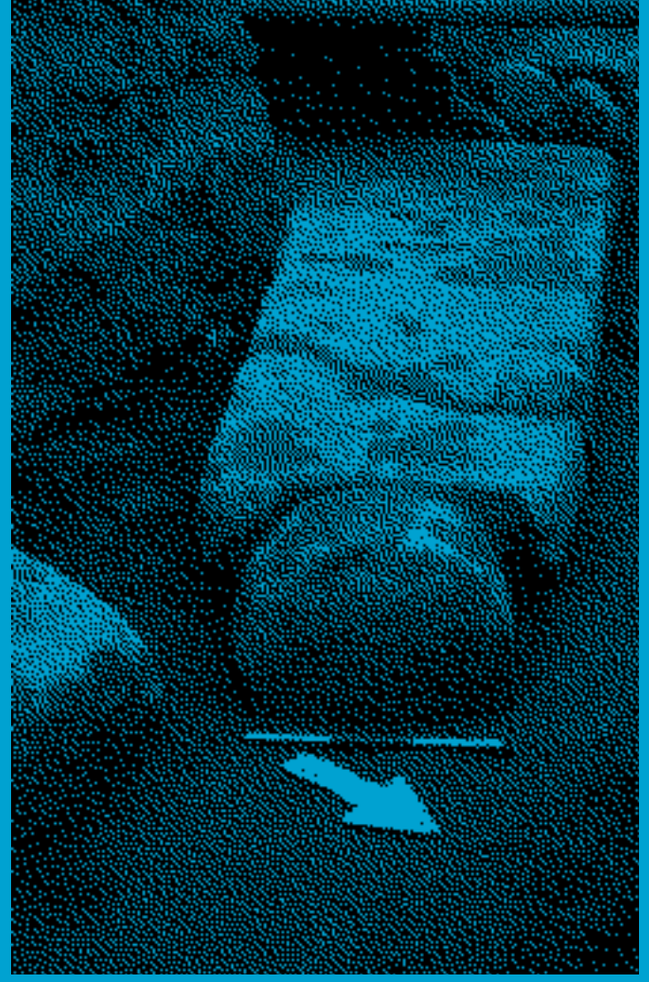
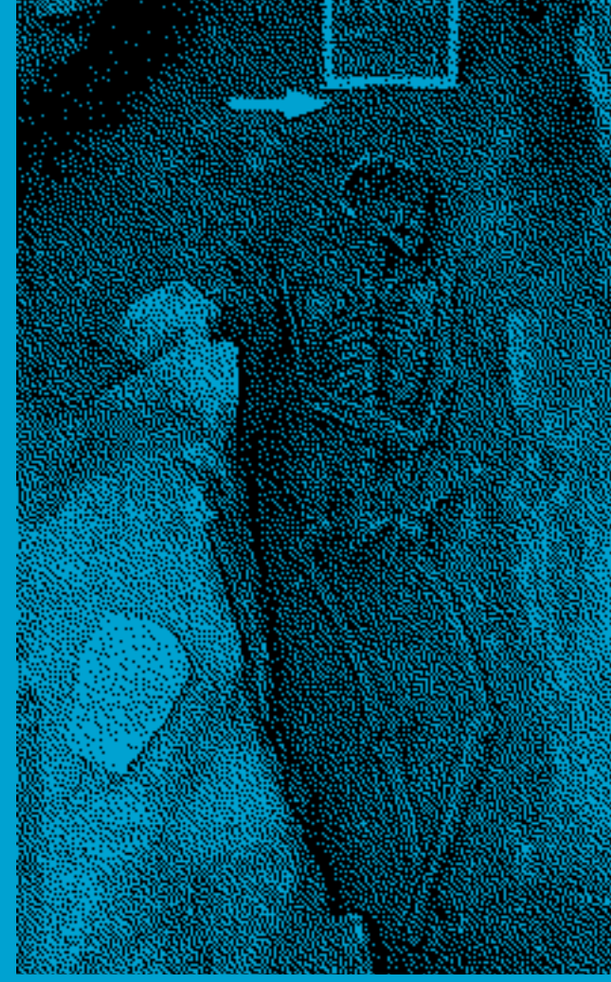


Figura 2
Pormenor das lajes de cobertura de uma sepultura.

Figura 3
Pormenor de laje monolítica com estela associada.

Figura 4
Vista geral do enterramento 25 in situ. Atente-se o pormenor das pernas cruzadas entre si.

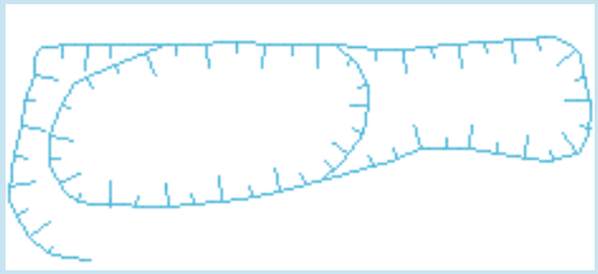


Forma

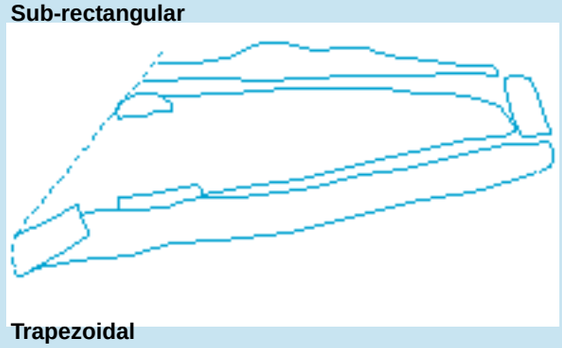
A forma predominante na Necrópole de S. Martinho é a antropomórfica (35%), sendo as sub-rectangular (9%) e trapezoidal (3%) pouco significativas no quadro geral. Importa sublinhar que, em 53% dos casos, não foi possível determinar a forma da estrutura tumular, o que representa uma importante condicionante para uma caracterização mais completa do espaço funerário.

Orientação

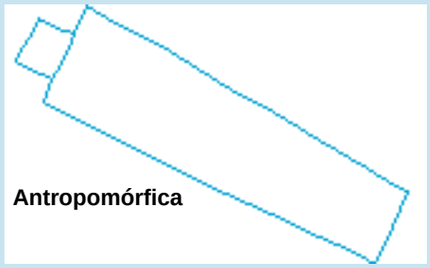
A orientação mais significativa observada na necrópole é W-E, tendo-se, no entanto, registado dois desvios com valores percentuais muito próximos da orientação padrão[11]. Estas orientações podem ser reflexo da construção das sepulturas em diferentes períodos do ano ou de uma intencionalidade, por exemplo, em função do altar. Contudo, não é de descurar a hipótese destas diferenças serem consequência de uma inegável falta de espaço.



Sub-rectangular



Trapezoidal



Antropomórfica

Quadro 2
Formas identificadas nas necrópoles

Não foi possível estabelecer qualquer padrão de organização nas sepulturas que apresentavam a mesma orientação, resultado de não existir uma percepção global do espaço.

A Antropologia Funerária[12]

Os enterramentos recuperados na presente necrópole permitiram verificar que a grande maioria dos indivíduos foi inumada com a cabeça a Oeste e os pés a Este – posição tipicamente associada aos enterramentos cristãos.
No entanto, foram detectadas algumas variações a este padrão, que variam de NW-SE a SW-NE, variações essas que poderão estar relacionadas com a sazonalidade dos próprios enterramentos (nomeadamente, com a variação latitudinal do local de nascimento e pôr-do-sol em função da estação do ano).

Todos os indivíduos foram inumados em decúbito dorsal, invariavelmente com os membros inferiores distendidos paralelamente (por vezes, ligeiramente flectidos para um dos lados), com excepção de alguns enterramentos *(figura 4)*, cujos membros inferiores se encontravam cruzados (por ex.: enterramentos 25, 89 e 129, entre outros).

Os membros superiores, de um modo geral, apresentavam-se flectidos sobre o tórax ou abdómen, por vezes com as mãos entrecruzadas. Na maioria dos casos, o crânio encontrava-se deposto sobre a parte posterior, apresentando-se frequentemente deslocado para um dos lados, em virtude de alterações pós-deposicionais.

Destaca-se a evidência de uma possível deposição simultânea de duas crianças (enterramentos 137 e 140) no mesmo

[11] A orientação padrão, W-E, é a mais representativa, 32%, seguindo-se a NW-SE, 26%. Com 21% aparece a orientação SW-NE.

[12] Os dados aqui apresentados reportam-se exclusivamente à informação que foi possível recolher durante os trabalhos de campo, sem que a mesma tenha sido sujeita a uma análise efectuada em laboratório.

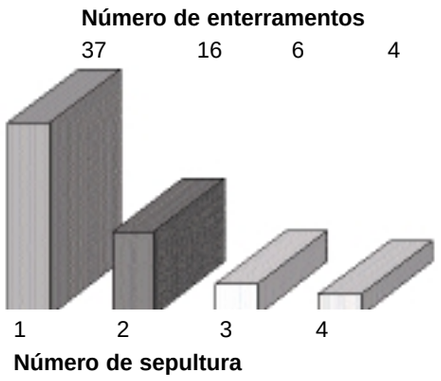


Gráfico 1: Número de enterramentos por sepultura.

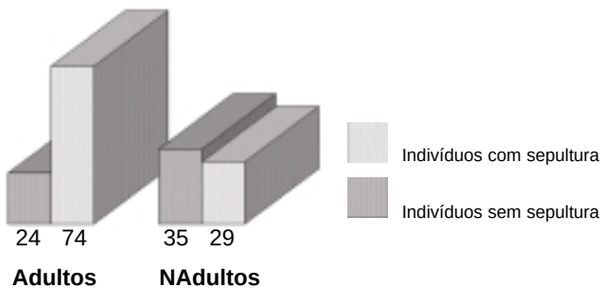


Gráfico 2: Distribuição dos enterramentos de indivíduos adultos e não adultos com e sem sepultura.

espaço funerário (sepultura 50), bem com a existência de uma sepultura claramente dupla, na qual foram inumados dois indivíduos – sepultura 6. Em ambos os casos referidos, não se encontra excluída a hipótese de se tratarem de pessoas com algum grau de parentesco.

Distribuição dos enterramentos por sepultura

Todas as sepulturas detectadas na área intervencionada da necrópole foram construídas com o intuito de acolher indivíduos adultos. A grande maioria continha enterramentos (n = 63). Destas 63 sepulturas, 44 (69,8%) apenas continham enterramentos de indivíduos adultos, enquanto que em apenas 8 (12,7%) foram recuperados enterramentos exclusivamente de não adultos.
No entanto, importa salientar, que nestas últimas sepulturas, não obstante a presença de enterramentos de indivíduos não adultos, foram recuperados ossários associados, representados por indivíduos adultos, que terão sido provavelmente os primeiros corpos inumados naqueles espaços funerários. As restantes 11 (17,5%) continham simultaneamente indivíduos adultos e não adultos.

Relativamente ao número de enterramentos por sepultura (Gráfico 1), destacam-se os sepulcros que apenas continham um enterramento (n = 37). No entanto, a reutilização das sepulturas é bastante significativa, e os valores apresentados não deixam de se reportar apenas à observação feita em campo, uma vez que, mesmo algumas das sepulturas com um único enterramento, continham associados ossários de redução, o que significa que provavelmente comportaram outros enterramentos anteriores.

Estes resultados vêm, de facto, ao encontro dos dados históricos que referem a existência de sepulturas comuns, habitualmente para uso exclusivo de parentes sanguíneos (GOMES, 1990).

Os enterramentos

Relativamente aos enterramentos exumados, há a salientar dois aspectos importantes: 1) a elevada quantidade de enterramentos de indivíduos não adultos – a maioria crianças com poucos meses/anos de vida; 2) a discrepância entre a proporção de enterramentos de adultos e não adultos no interior e fora das sepulturas.

Relativamente ao primeiro aspecto, a percentagem de indivíduos não adultos – 40,5% (n = 64) – reflecte a elevada taxa de mortalidade infantil dominante neste período. Dadas as características da presente necrópole, tudo indica que não existiria uma diferenciação espacial na deposição dos indivíduos não adultos (o que, no entanto, não invalida a existência de um espaço para o efeito, nesta necrópole, visto que esta não foi escavada na sua totalidade).

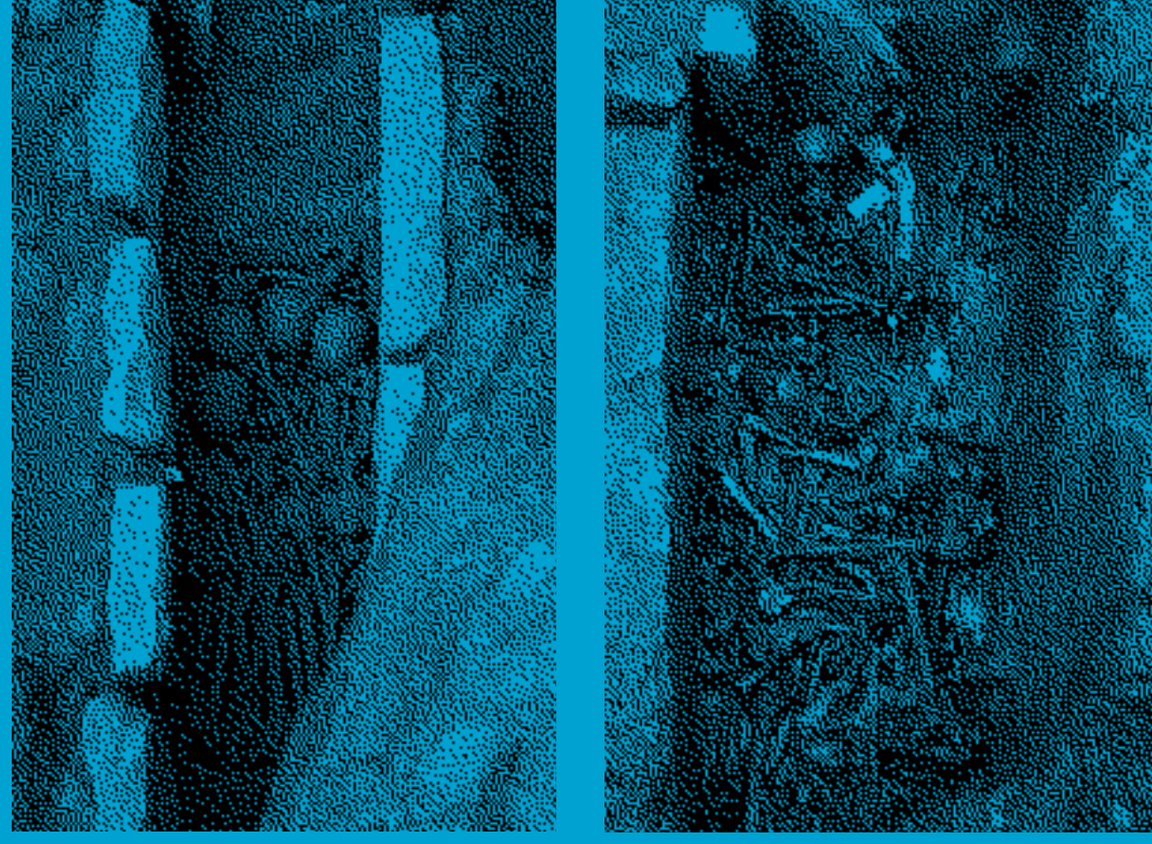


Figura 5
Exemplo de duas tipologias de ossários identificadas.

O segundo aspecto reporta-se ao desfasamento verificado no local de deposição dos indivíduos adultos e não adultos. Os dados disponíveis (Gráfico 2) parecem indicar uma clara preferência pela inumação de indivíduos adultos em estruturas funerárias, enquanto que mais de metade dos indivíduos não adultos foram sepultados directamente na terra, ou, em última análise, sem estrutura funerária de pedra associada.

Importa ainda destacar a existência de um considerável número de enterramentos de indivíduos adultos (n = 35) que terão sido depostos directamente sobre a terra, ou seja, sem sepultura, bem como a grande sobreposição espacial de enterramentos e existência de perturbações pós-deposicionais que parecem denunciar, por um lado, a falta de espaço para a inumação dos cadáveres, e, por outro, a confusão e aparente 'pressa' que parecem ter caracterizado a deposição dos indivíduos. Confrontando novamente estes factos com os dados históricos disponíveis, parece, mais uma vez, existir uma certa consonância. De facto, Gomes (1990: 67) refere que "*deveriam ser comuns as inumações dos cadáveres uns sobre os outros, indistintamente, dado que era impraticável, ao fim de alguns decénios, ali encontrar terra virgem*".

De referir também o número elevado de ossários exumados[13] (n = 73), na sua maioria localizados no interior das sepulturas, preferencialmente ao fundo (zona dos pés). Estes ossários, por vezes bastante densos, representarão provavelmente reduções, frequentemente sucessivas, de enterramentos numa mesma sepultura, o que não será de estranhar numa necrópole onde o espaço tinha que ser gerido de uma forma maximizada *(figura 5)*.

[13] O número mínimo de indivíduos representados nestes ossários deverá aproximar-se dos 160 (os indivíduos não adultos serão cerca de 40). No entanto, salienta-se que estes valores deverão ser considerados apenas como referenciais. Uma representação mais precisa apenas será possível com um estudo mais minucioso da série.

Distribuição Etária

Uma breve análise da distribuição etária dos indivíduos não adultos revela que, para além da elevada mortalidade infantil, seria na categoria dos mais jovens (recém-nascidos – 6 anos de idade) que mais se morria –, ou seja, os primeiros anos de vida seriam os mais difíceis de enfrentar e, consequentemente, de sobreviver. As classes etárias posteriores vão gradualmente incluindo um menor efectivo de indivíduos (Tabela 1).

A determinação da idade dos indivíduos adultos, para além de menos precisa, envolve a aplicação de métodos que não são passíveis de aplicar no campo. Assim, os adultos não foram separados por categorias etárias.

A Diagnose Sexual[14]

Apenas em 26 indivíduos adultos (27%) não foi possível diagnosticar o sexo (contudo, uma análise laboratorial cuidada, certamente, contribuirá para a diminuição dos indivíduos cujo sexo não foi possível determinar nesta primeira fase). Os restantes 73% – correspondentes a 72 indivíduos adultos – distribuem-se da seguinte forma: 45 (62%) indivíduos do sexo masculino e 27 (38%) do sexo feminino. É, assim, clara a predominância de homens na presente série.

A Estatura

Apresentam-se alguns dados preliminares relativamente à estatura dos indivíduos inumados na necrópole, salientando-se que os métodos utilizados foram aplicados tendo como base as possíveis comparações com outros estudos efectuados em populações, quer europeias, quer portuguesas. Assim, a tabela 2 apresenta os valores médios obtidos, verificando-se que, de um modo geral, a estatura média dos homens aproximava-se dos 166 cm, enquanto que a das mulheres seria de cerca de 155 cm, valores não muito diferentes dos obtidos em alguns dos estudos que incidiram sobre populações coevas (CUNHA, 1994; MATOS, 1999; MARQUES, 1999). Estes valores, especificamente a diferença de cerca de 10 cm entre a estatura dos homens e das mulheres, reflectem de certa forma o dimorfismo sexual demarcadamente inerente ao Homem, enquadrando-se perfeitamente nos valores obtidos para outras necrópoles coevas, quer ibéricas, quer do sudoeste francês (CUNHA & CRUBÉZY, 2000).

Paleopatologia *in situ*

Foram várias as patologias observadas, que variam desde sinais de infecções não específicas a possíveis casos de osteomielite, bem como de doenças do foro respiratório. A propósito destas últimas, e a título de exemplo, refira-se a presença de material biológico calcificado, possivelmente pleura, encontrado junto às costelas inferiores direitas (no interior da caixa torácica) num dos indivíduos (enterramento 2, u.e. 59) da sepultura 1*(figura 6)*.

Foram ainda detectadas várias hipotéticas fracturas (só confirmável mediante exame radiológico), bem como alguns indivíduos politraumatizados (apresentando várias fracturas). Algumas das lesões encontram-se aparentemente bem consolidadas, facto que poderá denotar alguns conhecimentos médicos. Isto não constitui surpresa para a época, uma vez que existem registos que referem não só a construção de um hospital por volta de 1306, como também a existência nos arredores da Praça de S. Martinho de assistência 'para-médica', nomeadamente solicitada aos físicos e cirurgiões judeus (GOMES, 1990). Ainda no âmbito da traumatologia, Gomes (1999: 29), através da análise de

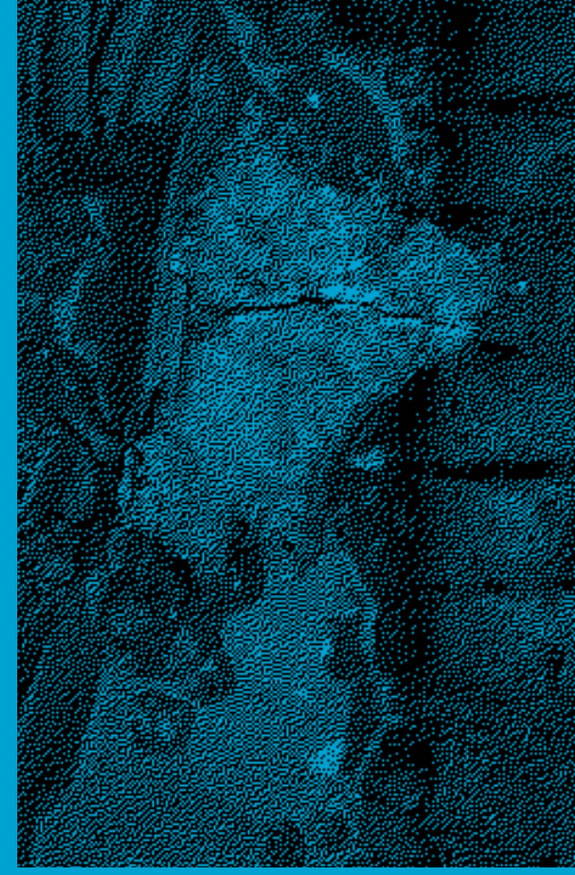


Figura 6
Pormenor da região direita do tórax do enterramento (u.e, 59) da sepultura 1, onde é possível observar a presença de uma estrutura com superfície constituída por pequenas espículas, tratando-se, possivelmente, de uma calcificação biológica, ou seja, de uma estrutura orgânica.

registos históricos da época, refere que " [...] uma boa parte das lesões corporais de então verificava-se como consequência de atitudes violentas ou de acidentes de trabalho".

Salienta-se a observação, com alguma frequência, de casos de patologia degenerativa, nomeadamente vários casos de DISH, artroses generalizadas e, nalguns casos, bastante severas. De referir também a presença de um possível caso de espondiloartropatia.

Faseamento da Necrópole

A definição de um faseamento para a Necrópole de S. Martinho teve por base a estratigrafia observada, assim como as diferentes soluções construtivas identificadas. Pretendeu-se, sobretudo, estabelecer fases construtivas que permitam uma melhor compreensão da utilização deste espaço. O estabelecimento de cronologias mais finas é dificultado pela escassez e pela especificidade dos elementos de datação precisos. A

Classes Etárias (Anos)	c/ Sep.[2]	s/ Sep.[3]	Total
RN[1] - 6	13	20	33
>6 - 12	9	3	12
>12 - 20	2	2	4

[1]RN – recém-nascidos
[2,3] - com e sem sepultura respectivamente

Tabela 1: Distribuição dos indivíduos não adultos (cuja idade foi possível determinar com base no método de Ubelaker 1989), por classes etárias.

	Olivier et al, 1978		Mendonça, 2000	
Sexo	?	?	?	?
N[1]	35	15	31	18
Mínimo	157,3	148,8	155,8	146,7
Máximo	175,8	165,2	175,0	163,7
d.p.1	5,4	4,3	5,3	4,3
Média	166,9	156,5	166,2	155,8

[1] N – n.º de indivíduos; d.p. – desvio padrão

Tabela 2: Resultados da estimativa da estatura com base nos ossos longos.

[14] A diagnose sexual apenas foi efectuada para os indivíduos adultos, sempre que possível in situ. Aos enterramentos cuja diagnose sexual não foi possível efectuar em campo, foram aplicadas as funções discriminantes apropriadas para o efeito, a partir das medições efectuadas in situ.

existência de algumas moedas associadas aos enterramentos não constitui um factor determinante para a datação dos contextos, já que o período de vida de uma moeda pode ser muito vasto. O caso da moeda associada ao enterramento 38 é representativo da ideia exposta, na medida em que este enterramento foi integrado na fase 6 por razões estratigráficas, e a moeda que lhe estava associada (um Dinheiro de D. Afonso III ou de D. Dinis) terá sido cunhada entre 1248 e 1325.

Importa ainda ter presente que as sepulturas foram reutilizadas, o que implica que, entre a construção da estrutura funerária e a última inumação efectuada, o período de tempo pode ser vasto.

Fase 1

A Fase 1 corresponde ao momento mais antigo identificado na necrópole, agrupando as estruturas tumulares de construção mais simples (num total de 5), assim como os enterramentos (7) e ossários (6) identificados abaixo das sepulturas consideradas como pertencendo à Fase 2 de ocupação da necrópole e imediatamente acima do substrato geológico.

As estruturas tumulares pertencentes a esta fase apresentam como modo de construção a simples justaposição de blocos de calcário e quartzito (Tipo II – 33%), assim como simples valas escavadas no substrato geológico (Tipo I – 50%). A percentagem de casos em que foi impossível determinar o tipo construtivo é pouco significativa no quadro geral da fase (17%). Registou-se ainda um depósito de cascalho sem qualquer tipo de estrutura associada *(figura 7)*.

Os enterramentos recuperados na presente necrópole permitiram verificar que a grande maioria dos indivíduos foi inumada com a cabeça a Oeste e os pés a Este – posição tipicamente associada aos enterramentos cristãos.

No que respeita à forma, apenas se identificou a sub-rectangular (83%), contrariando assim a tendência geral da necrópole, que apresenta maioritariamente sepulturas de forma antropomórfica.

Uma outra tendência que se verifica nesta fase respeita à orientação predominante, SW-NE (50%), representando também aqui uma excepção ao quadro que se verifica nas restantes fases. As orientações W-E e NW-SE são menos expressivas no universo considerado. No que respeita às orientações identificadas, o número de sepulturas consideradas nesta fase é demasiado pequeno para que se estabeleça um padrão ou se tirem conclusões mais abrangentes.

Quatro das sepulturas apresentavam um enterramento e apenas numa se registaram três enterramentos. Em duas não se registou nenhum ossário associado aos esqueletos, o que possibilita que se classifiquem estas estruturas funerárias como individuais não reutilizadas. Em ambas foram inumados indivíduos não adultos.

Relativamente aos enterramentos identificados nesta fase, correspondem na sua maioria a indivíduos não adultos, sendo a percentagem de indivíduos adultos do sexo masculino e feminino pouco representativa. Dentro deste último grupo, os indivíduos de ambos os sexos assumem a mesma representatividade[15].

[15] O universo utilizado para esta análise refere-se a dez enterramentos.

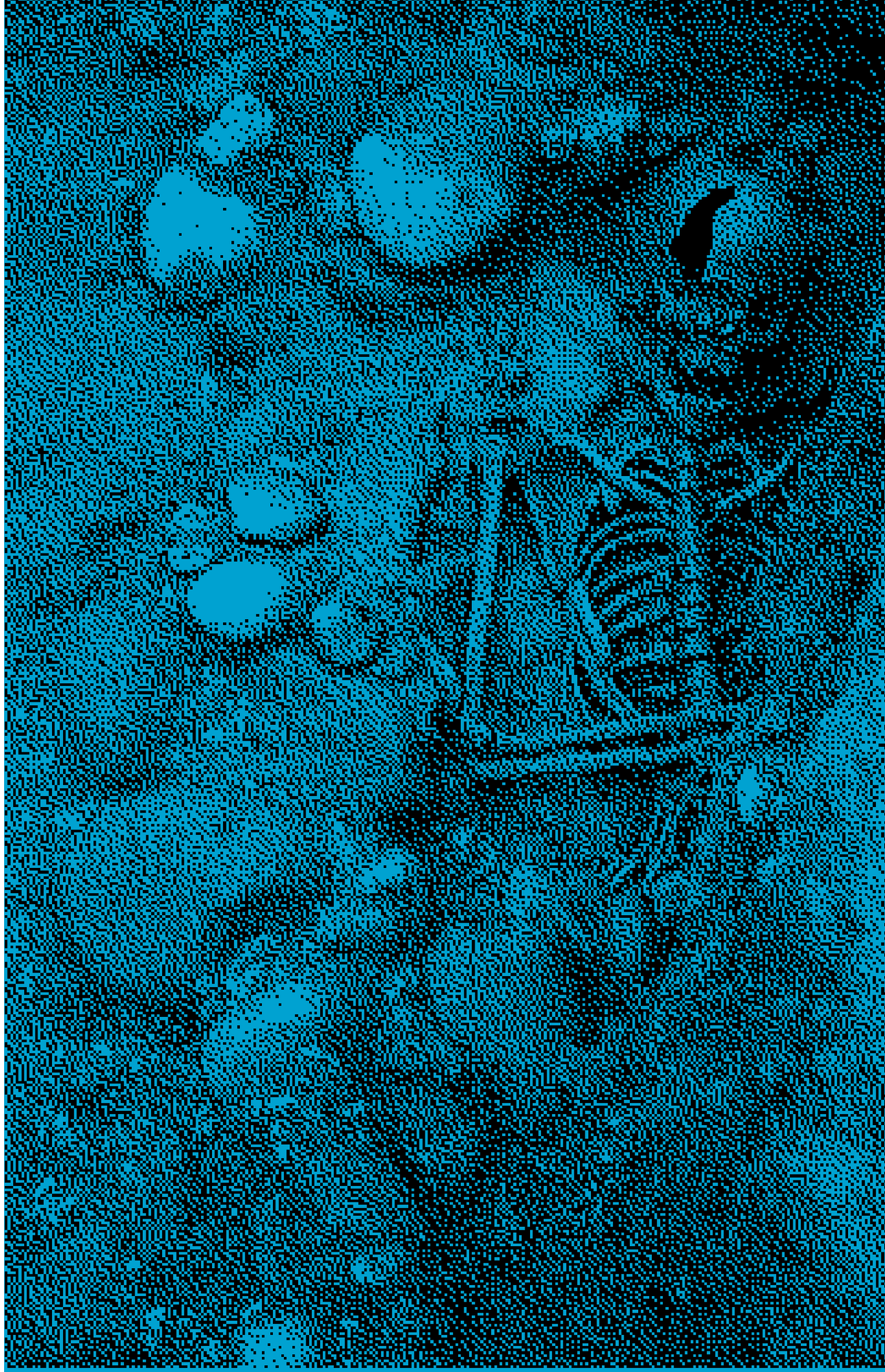


Figura 7
Pormenor de inumação efectuado sobre depósito de cascalho.

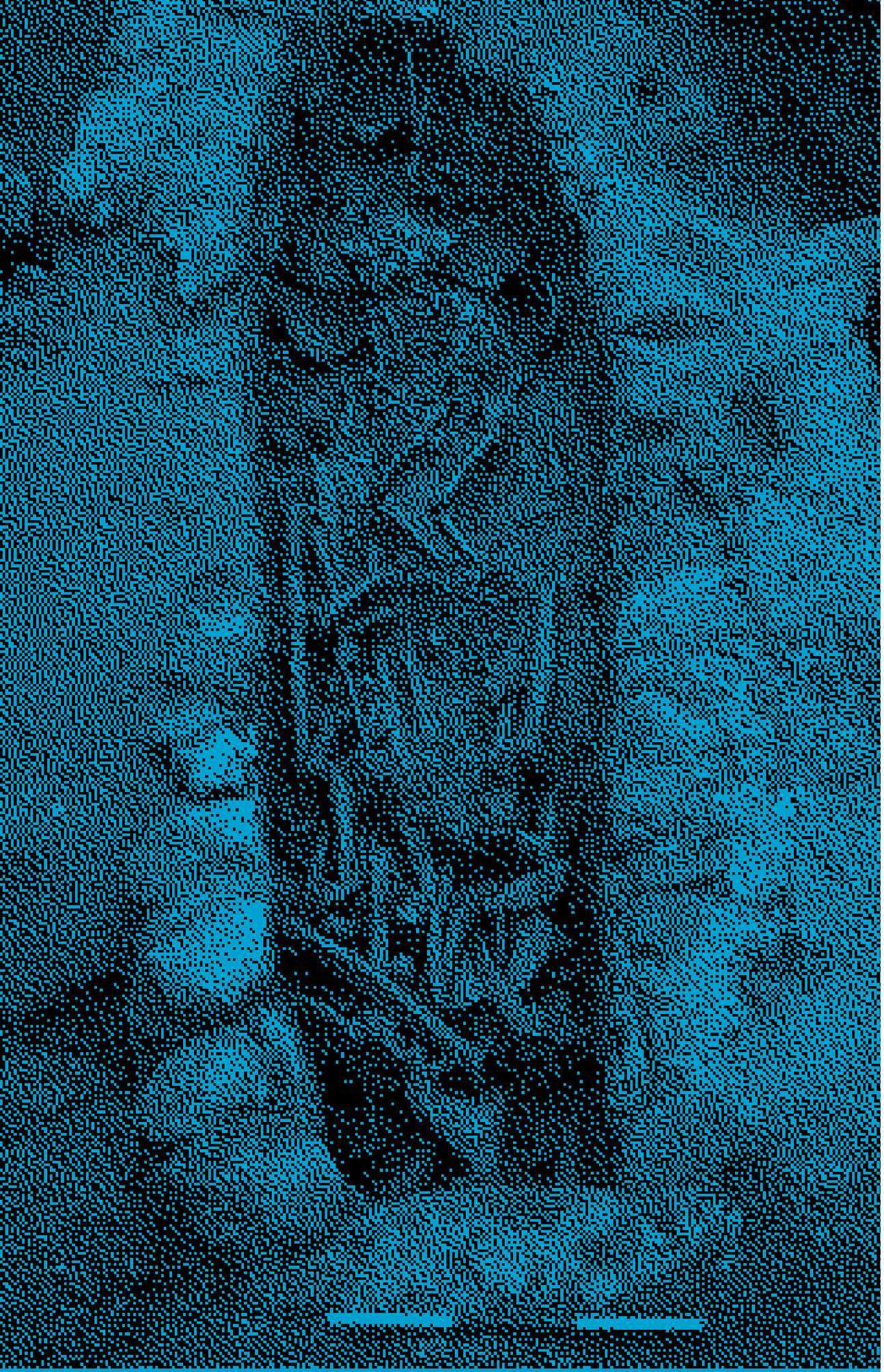


Figura 8
Distribuição dos ossários da sepultura 28.

A definição de um faseamento para a Necrópole de S. Martinho teve por base a estratigrafia observada, assim como as diferentes soluções construtivas identificadas. Pretendeu-se, sobretudo, estabelecer fases construtivas que permitam uma melhor compreensão da utilização deste espaço.

Fase 2

Na Fase 2, foram identificadas 38 sepulturas, o que se reflecte numa maior diversidade de tipos construtivos e de orientações. Não foi identificado o tipo construtivo I, notando-se um predomínio dos Tipos IV (34%) e II (33%). Ainda que presente, o tipo III é claramente secundário no total da amostra, representando 12%. Em 21% dos casos, não foi possível determinar o tipo.

A forma predominante é a antropomórfica (37%), tendo-se ainda identificado um exemplar trapezoidal, mas claramente secundário no quadro geral. Registou-se uma elevada percentagem de sepulturas, 56%, em que não foi possível determinar a forma.

A diversidade verificada nos tipos construtivos existe igualmente nas orientações, sendo os valores percentuais muito próximos –W-E (31%), SW-NE (30%), NW-SE (23%). Apenas em 16% das estruturas funerárias não foi possível determinar a orientação. Não se identificou nenhum padrão que pudesse explicar as causas das diferentes orientações. No entanto, as sepulturas com orientação NW-SE encontram-se agrupadas, podendo pressupor-se que, ou são contemporâneas, ou a orientação das primeiras terá condicionado a construção das restantes.

Registaram-se 35 enterramentos, tendo-se observado uma maior percentagem de sepulturas individuais, 59%. Em três casos, em virtude da ausência de ossários, pode-se concluir tratar-se de sepulturas não reutilizadas, tendo sido inumados em duas delas indivíduos adultos do sexo feminino e, na outra, um indivíduo jovem do sexo masculino.

As estruturas funerárias com dois enterramentos representam 29% do quadro total. Em quatro sepulturas – 1, 3, 47 e 57 – foram inumados um indivíduo do sexo masculino e outro do sexo feminino. Nas sepulturas 30 e 35, identificaram-se dois esqueletos de indivíduos não adultos. Verificou-se ainda em dois casos – sepulturas 7 e 16 – a inumação de dois indivíduos do sexo masculino e, na sepultura 6, um indivíduo não adulto com um adulto de sexo feminino.

Com três enterramentos, registaram-se apenas três sepulturas, sendo que em duas – sepulturas 33 e 51 – foi possível constatar a presença de um adulto masculino, um adulto feminino e um não adulto. Na outra estrutura tumular considerada nesta designação, foram identificados três indivíduos não adultos.

Na única sepultura com quatro enterramentos – 28 – foram inumados quatro indivíduos não adultos. Identificou-se um ossário relacionado com os dois enterramentos mais recentes, sendo de sublinhar a particularidade da disposição concêntrica de calotes cranianas de adultos, ladeando os crânios dos enterramentos 54 e 57 *(figura 8)*.

Relativamente à análise da dispersão etária, podemos observar um predomínio dos indivíduos adultos (71% = 39), tendo os indivíduos não adultos menor expressividade (29% = 16).

No universo dos indivíduos adultos, podemos observar uma maior expressividade dos indivíduos adultos do sexo masculino (57% = 22), relativamente aos indivíduos do sexo feminino (33% = 13). Em 10% dos casos não foi possível realizar a diagnose sexual.

Fase 3

Na Fase 3, foram consideradas 17 sepulturas, caracterizando-se, relativamente aos tipos construtivos, por um claro predomínio do Tipo IV (68%), seguido do Tipo III (11%). O Tipo II (5%) apresenta-se pouco expressivo, no quadro geral. Em 16% dos casos, não foi possível identificar o tipo construtivo.

No que concerne à forma, verifica-se uma maior representatividade da antropomórfica (55%), sendo a sub--rectangular pouco expressiva (5%). Em 40% dos casos não foi possível determinar a forma.

Embora se tenham registado diferentes orientações, verifica-se uma maior representatividade das orientações NW-SE (40%) e W-E (35%), com valores percentuais muito próximos, tendo-se registado a orientação SW-NE apenas numa sepultura (sepultura 35). Ainda que em cerca de 20% das sepulturas não tenha sido possível determinar a orientação, o quadro geral desta fase apresenta diferenças relativamente às outras fases, na medida em que a orientação mais representativa não é W-E, mas sim NW-SE.

Relativamente ao espólio osteológico, o universo de análise desta fase refere-se a 27 enterramentos distribuídos pelas 17 sepulturas. À semelhança do que se observou na Fase 2, verifica-se um predomínio das estruturas tumulares com apenas uma inumação (47%). Nas sepulturas 9, 11 e 54, não se registou nenhum ossário associado aos esqueletos, o que parece indicar que as estruturas tumulares não foram reutilizadas. Dois dos indivíduos inumados correspondem a adultos do sexo masculino e o outro a um indivíduo não adulto.

As sepulturas onde se identificaram duas inumações – 18, 20, 45, 55 e 56 – representam o segundo grupo mais significativo nesta fase (um total de 5 sepulturas). Estas inumações surgem com três tipos de associação: um indivíduo adulto e outro não adulto, dois adultos do sexo masculino e dois adultos, não tendo sido possível determinar o sexo.

As estruturas funerárias com três enterramentos representam 13%, uma posição secundária relativamente aos dois primeiros casos. Nas duas sepulturas onde se verificou esta situação – 19 e 21 – foram identificados dois enterramentos de indivíduos não adultos e de um adulto. Relativamente aos indivíduos adultos, a diagnose sexual fica sujeita a uma confirmação laboratorial.

Registou-se ainda uma estrutura tumular onde apenas se identificou um ossário.

Nota-se, em suma, um maior número de indivíduos adultos (69% = 20), relativamente aos não adultos (31% = 9). No que concerne aos indivíduos adultos, nota-se uma maior percentagem do sexo masculino (40% = 8), relativamente ao sexo feminino (25% = 5). Em 35% (= 7) dos casos não foi possível proceder à diagnose sexual.

Fase 4

Na Fase 4, foram consideradas apenas duas sepulturas, das quais só se escavou a zona dos pés, estando, por isso, a sua interpretação muito condicionada.



Figura 9
Enterramentos sem estrutura funerária definida.

Apenas num dos casos foi possível determinar relações estratigráficas com outra estrutura tumular, o que possibilitou um faseamento mais sustentado, não tendo a outra sepultura nenhuma relação física com outro espaço funerário.

Relativamente ao espólio osteológico, registou-se apenas um ossário na sepultura 46, o que pode derivar do facto de a zona intervencionada ser bastante restrita e corresponder à zona dos pés.

Fase 5

A Fase 5 foi interpretada como um momento em que tiveram lugar diferentes acções de destruição, dispersas pelo segundo troço da vala, não tendo sido possível avaliar as suas causas. De uma forma geral, as sepulturas consideradas nesta fase localizam-se na mesma zona da necrópole e apresentam um grau de destruição considerável.
Os enterramentos não estão inseridos numa estrutura tumular definida, sendo antes sumariamente delimitados por lajes de calcário, sobretudo na zona da cabeceira. O espaço em que se inserem é ainda delimitado por outras sepulturas *(Figura 9)*.

A sepultura 78 constitui a excepção, estando localizada numa zona distinta e onde foi possível identificar a vala de inumação, ainda que não se tenham registado vestígios de edificação de uma estrutura tumular.

Relativamente ao espólio osteológico, que apresentava um grau de

conservação superior ao das estruturas funerárias, foi possível retirar algumas conclusões. Refere-se maioritariamente, a indivíduos adultos, cuja representatividade é claramente superior à dos indivíduos não adultos. Relativamente à diagnose sexual, que se refere apenas aos adultos, podemos, à semelhança do que se verificou nas Fases 2 e 3, observar uma maior percentagem de indivíduos do sexo masculino, representando mais de metade do universo considerado.

Na Sepultura 67 registou-se apenas um enterramento, um adulto do sexo masculino, sem qualquer ossário associado, o que implica que se tratará de um estrutura tumular não reutilizada. Na Sepultura 62 identificou-se um enterramento, um adulto, e um ossário, caracterizando-se por isso como uma sepultura individual reutilizada.

Nas Sepulturas 65 e 78 registaram-se três enterramentos. Na primeira correspondem a um indivíduo adulto masculino, um adulto feminino e um não adulto e na segunda a um adulto idoso do sexo masculino, um adulto feminino e um adulto em que não foi possível determinar o sexo. Na Sepultura 70 registaram-se quatro enterramentos, dois adultos do sexo masculino e dois adultos do sexo feminino.

A percentagem de indivíduos adultos (80% = 12) registados nesta fase é claramente superior ao de não adultos (20% = 3).No grupo de adultos destaca-se a maior representatividade dos indivíduos de sexo masculino (58% = 7), sendo a percentagem de indivíduos adultos femininos menos expressiva (25% = 3). Em 17% (= 2) dos casos não foi possível determinar o sexo.

Fase 6

A Fase 6 corresponde a um momento em que as inumações se efectuaram sem sepultura, depositadas directamente sobre lajes de cobertura ou terras de enchimento de estruturas funerárias anteriores. A presença de pregos em associação com alguns enterramentos e ossários pode pressupor que estes eram efectuados em caixões, embora não tenha sido possível definir um padrão na distribuição dos pregos.

Os enterramentos considerados nesta fase (num total de 21) confirmam a tendência verificada nas fases anteriores, registando-se uma maior percentagem de indivíduos adultos (56% = 10), e dentro deste grupo etário uma maior percentagem de indivíduos do sexo masculino. Contudo, importa assinalar que a diferença entre adultos e não adultos e entre adultos do sexo masculino (50% = 5) e feminino (30% = 3) é atenuada nesta fase. Em dois casos não foi possível retirar conclusões no que respeita à diagnose sexual. No grupo dos não adultos (46% = 8) regista-se a presença de um recém-nascido, o que não se tinha verificado nas fases anteriores em que as inumações se efectuavam em sepulturas.

A maioria dos enterramentos apresenta uma orientação W-E (64%), assumindo as orientações NW-SE (24%) e SW -NE (6%) menor expressividade. No universo considerado, apenas em 6% dos casos não foi possível determinar a orientação.

Fase 7

A Fase 7 corresponde a um último momento de ocupação da necrópole, caracterizado essencialmente por inumações sem estrutura funerária associada, estando os enterramentos identificados (36) integrados no depósito UE 28.

No caso de terem existido valas, não foram identificados os seus vestígios, o que se pode explicar não só pela semelhança dos componentes geológicos do sedimentos, mas também

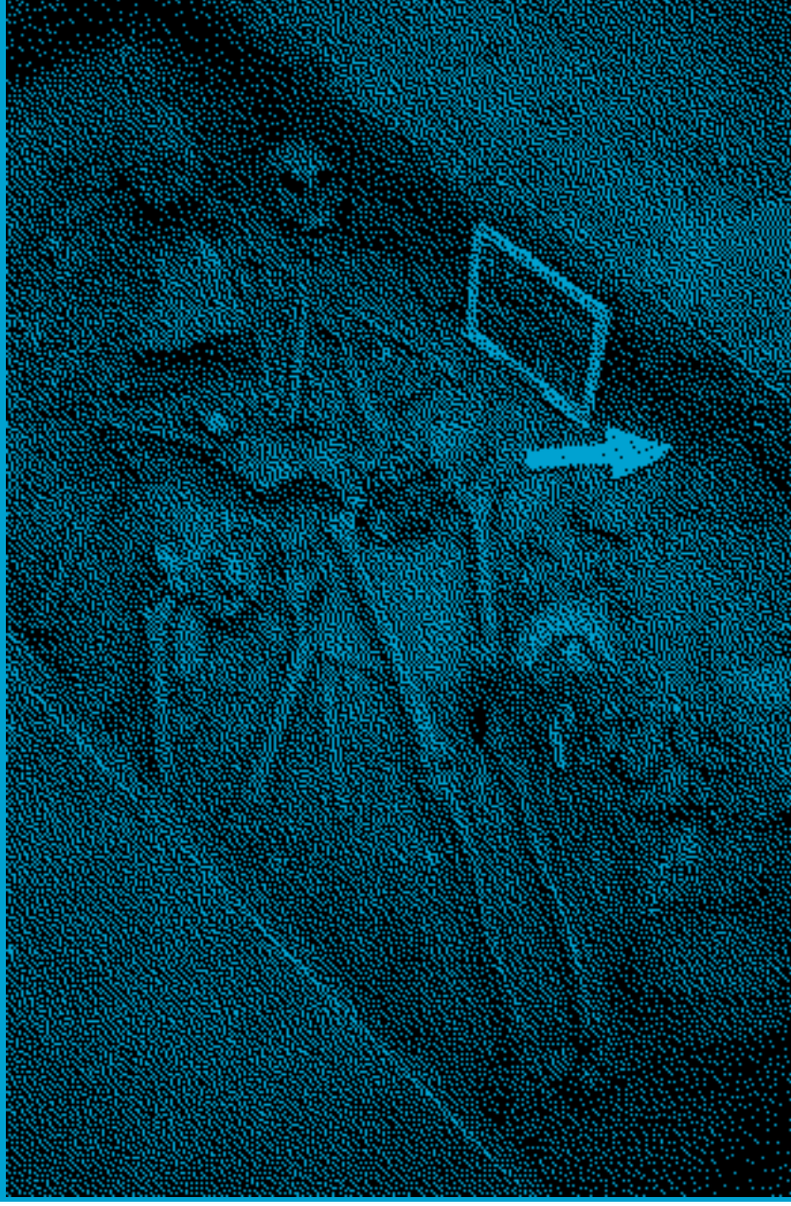


Figura 10
Enterramentos efectuados na unidade 28.

pelo facto da área estar permanentemente húmida ou submersa. Também nesta fase se registaram diversos pregos em associação com enterramentos e ossários, o que poderá, mais uma vez, indiciar a presença de caixões.

Relativamente à análise do espólio osteológico, verifica-se uma inversão da tendência geral observada nas fases anteriores. A percentagem de indivíduos não adultos (55% = 18), dos quais se destaca a presença de três recém-nascidos, é maioritária relativamente aos adultos (45% = 15). Já no que concerne à diagnose sexual, a percentagem de indivíduos adultos do sexo masculino (53% = 8) continua a ser superior às dos indivíduos do sexo feminino (20% = 3). Em 4 (27%) casos não foi possível proceder à diagnose sexual.

Os enterramentos apresentam predominantemente uma orientação W-E (67%). As restantes orientações identificadas encontram-se menos representadas - NW-SE (15%) e SW-NE (9%)-, sendo de assinalar um enterramentos com uma possível orientação N-S (Enterramento 47, [237]). Contudo, o estado de preservação deste enterramento é bastante deficiente, podendo a sua orientação resultar de factores pós-deposicionais e não ser resultado de uma intencionalidade funerária.

Não nos é possível estabelecer em que momento as lajes monolíticas e as estelas foram colocadas, podendo apenas observar-se que se encontram sobre o mesmo depósito que os enterramentos pertencentes a esta fase.

Componente Aretefactual

A cerâmica recolhida na escavação, comum e vidrada (na sua maioria com vidrado verde ou amarelo), encontrava-se maioritariamente em contexto secundário de deposição. A representatividade da cerâmica comum é claramente superior à vidrada.

No que respeita à faiança recolhida durante a escavação, aparece, sobretudo, em depósitos relacionados com as sucessivas remodelações que transformaram o espaço da praça. No entanto, registou-se a presença de fragmentos em unidades atribuídas à utilização da necrópole, o que representa uma incoerência cronológica, uma vez que a praça deixou de ser utilizada como espaço funerário em meados do século XVI. Pode, contudo, apontar-se como hipótese explicativa o facto de a área em que decorreu a intervenção arqueológica ter estado sujeita a sucessivas inundações, podendo estas ter funcionado como factor de contaminação.

Registaram-se 133 moedas, das quais apenas 15 foram identificadas em associação com enterramentos (ver quadros 3 e 4). Nas fases 7 e 8, recolheu-se a maioria dos numismas (103), sendo de referir que esta última corresponde a um momento pós-utilização do espaço como necrópole, pelo que não é referida neste artigo. As restantes 15 encontram-se dispersas por diferentes depósitos.

Os objectos de adorno – contas de rosário, argolas, brincos – podem funcionar como elementos caracterizadores da população inumada na Necrópole de S. Martinho. Ainda que na maioria dos casos não seja possível a sua caracterização tipológica e consequente cronologia, a presença destes elementos pode, por si, só ser reveladora do estrato social dessa população. A frequência destes objectos é pouco significativa no quadro global dos enterramentos identificados. Registou-se uma presença bastante significativa de alfinetes de sudário, reflectindo o rito funerário do corpo ser previamente envolto num sudário.

A existência de pregos nas sepulturas e junto dos enterramentos poderá indiciar que algumas inumações terão sido efectuadas em caixão.

Conclusão

A Necrópole de S. Martinho insere-se no período Medieval/Moderno (finais do século XII a meados do século XVI), sendo esta cronologia fundamentalmente baseada em fontes históricas e não propriamente nos dados recolhidos durante a escavação arqueológica.

O espólio recolhido é escasso e não permite datar os contextos identificados. Mesmo relativamente às moedas em que foi possível obter uma leitura, a informação é vaga, uma vez que o período de vida de uma moeda é muito lato, podendo apenas fornecer o limite *post quem* para essa realidade.

A interpretação das características construtivas e tipológicas das sepulturas, da sua análise espacial e estratigráfica e da ausência de estruturas tumulares associadas a enterramentos, permitiu que se estabelecessem sete fases distintas na utilização da necrópole. Contudo, importa sublinhar que a análise destes dados é parcial, já que está condicionada pelo facto de se desconhecer a representatividade da amostra, assim como a zona a que se reporta relativamente à igreja.

A análise da área intervencionada permite diferenciar, no primeiro troço da vala, uma utilização do espaço distinta. Ao contrário do que se verificou no segundo troço, onde o espaço foi continua e sistematicamente utilizado, não se verificou aqui uma sobreposição de estruturas tumulares,



Figura 11
Enterramento de um indivíduo não adulto com contas de pasta vítrea e uma moedas associadas.

Enterramento	u.e.	Fase	Espólio
56	27	46	1 moeda, um ceitil de D. Afonso V (1438-1481)
65	301	6	2 pregos
32	175	6	Recipiente cerâmico, fundo; 1 prego
26	174	6	Rosário em contas vítreas (uma pintada); 1 moeda, aparentemente um ceitil
38	145	6	1 moeda, um Dinheiro de D. Afonso III ou D. Dinis (1248-1325)
30	182	6	1 prego e 1 fragmento de vidro
17	130	7	1 moeda, um ceitil e 1 pulseira
21	147	7	1 moeda sem leitura e 1 alfinete junto ao braço direito
144	549	7	2 pregos

Quadro 3: Espólio associado a enterramentos sem sepultura.

Sepultura	Fase	Espólio
4	2	1 prego, depósito u.e. 211
6	2	4 pregos associados ao ossário u.e. 127 + 7 pregos, depósito u.e. 126
8	3	1 moeda sem leitura entre as tíbias do ent. 103, u.e. 409
12	3	moeda na mão direita do ent. 92, u.e. 370, provavelmente um tornês de D. Fernado (1367-1383) e um pendente junto do cotovelo esquerdo
16	2	1 prego associado ao ossário u.e. 110; um objecto de metal não identificado associado ao ent. 13, u.e. 118
19	3	1 prego na zona dos joelhos do ent. 109, u.e. 449 e uma moeda, provavelmente um ceitil, junto do cotovelo esquerdo
22	2	6 pregos, 1 moeda e 1 pendente em pau-brasil(?) no depósito u.e. 165
24	2	moeda, sem leitura precisa, associada ao ent. 62, u.e. 297
26	2	alfinete, depósito u.e. 195
28	2	moeda sem leitura, u.e. 203
50	2	2 pregos no depósito u.e. 120; 1 prego associado ao ent. 140, u.e. 529
51	2	prego associado ao ent. 138, u.e.530
56	3	1 moeda sem leitura, associada ao ent. 135, u.e. 516
79	1	1 moeda sem leitura, associada ao ent. 25, u.e. 200

Quadro 4: Espólio identificado no interior das sepulturas.

nem enterramentos no seu exterior, com excepção de um indivíduo recém-nascido inumado entre as sepulturas 1 e 2. A presença de lajes monolíticas e estelas reflecte um cuidado em sinalizar as estruturas funerárias, preocupação característica das classes sociais mais abastadas.

A identificação de um espaço diferenciado leva-nos a colocar a hipótese deste troço da vala se encontrar próximo do corpo da igreja, embora não se tenham identificado quaisquer estruturas que de forma inequívoca se associem a este.

As únicas estruturas sem cariz funerário identificadas durante a escavação localizam-se no segundo troço da vala e referem-se a dois alicerces, de diferentes dimensões, cuja funcionalidade não foi possível determinar.

O potencial arqueológico da Praça Rodrigues Lobo não se esgotou com esta intervenção, tendo permanecido no espaço que excedia os limites da sondagem vestígios de sepulturas e enterramentos. Em determinados casos, estruturas tumulares e inumações foram apenas parcialmente escavados, tendo permanecido a restante parte no corte, evidência de que os limites da necrópole se estendem em todos os sentidos para além da área intervencionada.

A Necrópole de S. Martinho insere-se no período Medieval/Moderno (finais do século XII a meados do século XVI), sendo esta cronologia fundamentalmente baseada em fontes históricas e não propriamente nos dados recolhidos durante a escavação arqueológica.

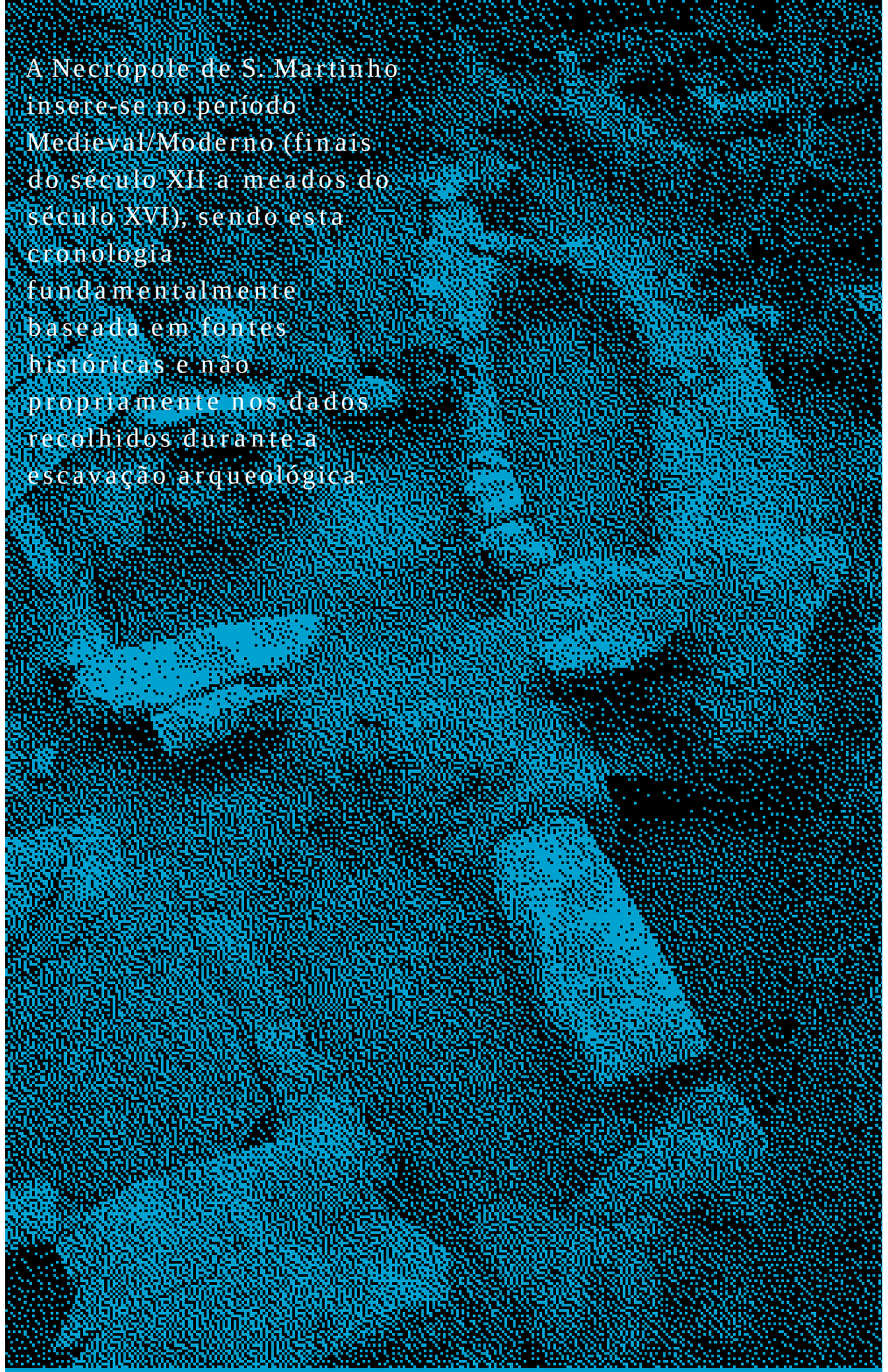


Figura 12:
Vista parcial do troço 2 da vala.

Bibliografia

Fontes Históricas

ANTT – Alcobaça, Dourados, livro 3, fls. 88-89, n.º 186, (1423, Fev. 20, Leiria).

ANTT – Conventos de Tomar, vermelho, m.º 38, n.º 793, (1546, Nov. 3, Leiria)

ANTT – Corpo Cronológico, parte I, m.º 90, n.º 25, (1553, Maio 27, Leiria).

Couseiro ou Memórias do Bispado de Leiria, (1869),Braga, Tipographia Lusitana.

Bibliografia Histórica e Arqueológica

ABREU, Alberto Antunes de (1990), Relatório dos Trabalhos arqueológicos realizados na Igreja Antiga de Meadela, exemplar policopiado.

ALMEIDA, C. A B. et al (1992), "Necrópole Medieval das Barreiras de Fão", Boletim Cultural de Esposende, 17, p. 111-126.

BARROCA, Mário Jorge Barroca, (1987), Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-E-Minho. (Séculos V a XV), Trabalho apresentado no âmbito das Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, exemplar policopiado.

Côrte-Real, Fernando, (1993), Praça Rodrigues Lobo. Leiria. Intervenção de Emergência, IPPAR, Direcção Regional de Coimbra, Exemplar Policopiado.

CRUZ, Domingos J. Da (1998), relatório dos Trabalhos arqueológicos realizados na Igreja Matriz de Vila Cova-à-Coelheira, exemplar policopiado.

GOMES, Saul António, (1990), "A Praça de São Martinho de Leiria do Século XII à Reforma de 146, Mundo da Arte". Revista de Arte, Arqueologia e Etnografia, II.º Série, Janeiro/Fevereiro/Março, Lisboa, p. 57-78.

GOMES, Saul António, (1988), Origens tardo-medievais de uma comarca estremenha: o exemplo de Leiria, Arqueologia do Estado, vol. II, Lisboa, ed. História e Crítica.

GOMES, Saul António, (1992), "Organização Paroquial e Jurisdição Eclesiástica no Priorado de Leiria nos séculos XII a XV", Lusitânia Sacra, 2ª série, tomo IV, Lisboa, ed. Universidade Católica.

MOREIRA, José Beleza , RIBEIRO, Cardim, Relatório dos Trabalhos arqueológicos realizados na Igreja de Santa Maria do Arrabalde, exemplar policopiado.

PONTE, Salete da, (1997), "Necrópoles medievais de Tomar", Arqueologia Medieval, n.º 5, Ed. Afrontamento, Porto, p. 47-56.

RACINET, Philippe, et all, (1990), "Vie et mort dans un prieuré clunisien: archéologie funéraire et anthropologie à Daint-Nicolas D'Acy (Oise)" , Heresis, n.º2, p. 195-228.

REBELO, Fátima, FRADE, Helena (1987), Relatório dos Trabalhos Arqueológicos na Cerca do Castelo Óbidos. 1986, exemplar policopiado.

REBELO, Fátima, FRADE, Helena, CÔRTE-REAL, Artur (1988), Relatório dos Trabalhos Arqueológicos na Cerca do Castelo de Óbidos, 1987, exemplar policoiado.

REBELO, Frade, CÔRTE-REAL, Artur (1989), Relatório dos Trabalhos arqueológicos realizados na Cerca do Castelo de Óbidos, 1990, exemplar policopiado.

SANDE LEMOS,Francisco, (1987), "A Necrópole medieval de S. Caetano, Chaves", Cadernos de Arqueologia, Série II, 4, pp. 149-176.

ZÚQUETE, Afonso, (1943), Leiria – Subsídios para a História da sua Diocese, Leiria, Ed. Gráfica.

Biliografia Antropológica

CARDOSO, H. V. (2000) Dimorfismo sexual na estatura, dimensões e proporções dos ossos longos dos membros: o caso de uma amostra portuguesa dos séculos XIX-XX. Tese apresentada à Universidade de Coimbra – Faculdade de Ciências e Tecnologia–, para a obtenção do grau de Mestre em Evolução Humana, policopiada.

CRUBÉZY, E.; SELLIER, P. (1990) "Liens de parente et populations inhumees". Les nouvelles de l'archéologie, 40, 35-38.

GOMES, S. (1999), "Higiene e Saúde na Leiria Medieval", In: Câmara Municipal de Leiria (Ed.) Actas do III Colóquio sobre a História de Leiria e da sua Região (29 e 30 de Novembro de 1996). Câmara Municipal de Leiria, II Volume, pp. 9-43.

CUNHA, E. (1994). Paleobiologia das populações medievais portuguesas: os casos de Fão e S. João de Almedina. Dissertação de doutoramento para a obtenção do grau de Doutor em Antropologia, apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, policopiada.
CUNHA, E.; CRUBÉZY, E. (2000). "Comparative biology of the medieval populations (9th-15th centuries) to the Iberian Peninsula and Southwest of France: Problematics and perspectives". Journal of Iberian Archaeology, 2: 145-164.
FEREMBACH, D; SCHWIDETZKY, I; STOUKAL, M. (1979). "Recommendations pour déterminer l´âge et le sexe sur le squellete". Bull. et Mém. de la Soc. d´Anthrop.de Paris, 6, XIII, pp. 7-45.
MARQUES, A. C. (1999). Testemunhos medievos: uma análise antropológica de restos humanos exumados na freguesia de Maiorca. Relatório de investigação em Antropologia Biológica. Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra, policopiada.
MATOS, V. M. (1999). Paleobiologia da população medieval da necrópole do Prazo (Freixo de Numão). Relatório de investigação em Antropologia Biológica. Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra. Policopiado.
MENDONÇA, M. C. (2000). "Estimation of height from the length of long bones in a portuguese adult population". American Journal of Physical Anthropology, 112, pp. 39-48.
MURAIL, P. (1996) – Biologie et pratiques funeraires des populations d'époque historique: une demarche methodologique appliquée a la necropole gallo-romaine de Chantambre (Essonne, France). Tese de Doutoramento em Antropologia. Université de Bordeaux I.
OLIVIER, G.; AARON, C.; FULLY, G.; TISSIER, H. (1978). " New estimations of stature and cranial capacity in Modern man". Journal of Human Evolution, 7, pp. 513-518.
ROBERTS, C.; MANCHESTER, K. (1995): The Archaeology of Disease. Gloucestershire: Alan Sutton Publishing, 2nd ed.
UBELAKER, D. 1989. "The estimation of age at death from immature human bone". In: Iscan, Y. (Ed.). Age markers in the Human Skeleton, pp. 55-70.

Anexo – Quadro 5: Caracterização das Sepulturas

Sepultura	Orientação	Forma	Tipo	N.º de Enter.	N.º de Ossários	Fase
1	W-E	antropomórfica	IV	2	1	2
2	_	_	_	_	_	_
3	W-E	antropomórfica	IV	2	2	2
4	SW-NE	Indeterminada	IV	1?	0	2
5	W-E	antropomórfica	IV	1	0	2
6	?	Indeterminada	?	2?	1?	2
7	SW-NE	antropomórfica	II	2	0	2
8	?	Indeterminada	IV	1?	0?	3
9	W-E	antropomórfica	IV	1	0	3
10	_	_	_	_	_	_
11	NW-SE	antropomórfica	IV	1	0	3
12	NW-SE	antropomórfica	IV	1	0	3
13	SW-NE	antropomórfica	III	1	1	2
14	W-E	trapezoidal	IV	1	1	2
15	W-E	antropomórfica	II	1	1	2
16	SW-NE	antropomórfica	II	2	1	2
17	SW-NE	Indeterminada	IV	1	1	2
18	W-E	antropomórfica	IV	2	1	3
19	W-E	antropomórfica	IV	3	2	3
20	W-E	antropomórfica	IV	2	1	3
21	W-E	antropomórfica	III	3	1	3
22	W-E	trapezoidal	III	0	0	2
23	SW-NE	Indeterminada	?	0	1	2
24	SW-NE	Indeterminada	?	1?	0?	2
25	SW-NE	antropomórfica	III	1?	0?	2
26	W-E	antropomórfica	IV	1	1	2
27	W-E	Indeterminada	IV	1	1	2
28	W-E	antropomórfica	III	4	1	2
29	SW-NE	Indeterminada	?	1	0	2
30	?	Indeterminada	?	2	0	2
31	SW-NE	antropomórfica	II	1	0	2
32	SW-NE	antropomórfica	IV	1	1	2
33	?	Indeterminada	IV3	1		2
34	W-E	Indeterminada	III	0?	0?	4
35	SW-NE	Sub-rectangular	II	2	1	2
36	?	Indeterminada	?	1	1	2
37	W-E	Indeterminada	?	2?	0?	6
38	W-E	Indeterminada	IV	0	0	2
39	SW-NE	Indeterminada	I	1	0	2
40	NW-SE	Indeterminada	II	2	2	2
41	W-E	antropomórfica	IV	0	1	3
42	NW-SE	Indeterminada	III	1	1	3
43	NW-SE	Indeterminada	?	1	1	3
44	NW-SE	antropomórfica	IV	_	_	3
45	NW-SE	antropomórfica	IV	2	1	3
46	?	Indeterminada	IV	0?	1?	4
47	W-E	Antropomórfica	?	2	1	2
48	SW-NE	Sub-rectangular	I	3	1	1
49	NW-SE	Indeterminada	II	1	1	2
50	NW-SE	Antropomórfica	IV	3	1	2
51	W-E	antropomórfica	II	4	0	2
52	NW-SE	antropomórfica ?	II	1	0	2
53	NW-SE	Indeterminada	III	1	1	2
54	?	Indeterminada	II	1	0	3
55	NW-SE	Indeterminada	?	2	0	3
56	NW-SE	Indeterminada	IV	1	1	3
57	NW-SE	Indeterminada	II	2	2	2
58	W-E	Sub-rectangular	I	1	1	1
59	_	_	_	_	_	_
60	SW-NE	Sub-rectangular	?	1	1	1
61	NW-SE	Indeterminada	II	0	1	2
62	?	Indeterminada	?	1?	1?	5
63	NW-SE	Sub-rectangular	II	1	3	1
64	NW-SE	Indeterminada	II	1	1	2
65	?	Indeterminada	?	4	3	5
66	NW-SE	Indeterminada	IV	0	1	2
67	?	Indeterminada	?	1	0	5
68	?	antropomórfica	IV	1?	0?	3
69	W-E	Indeterminada	?	1?	0?	3
70	?	Indeterminada	?	4	1	5
71	NW-SE	Indeterminada	IV	_	1	3
72	W-E	Indeterminada	II	_	_	2
73	NW-SE	Indeterminada	IV	0	1	2
74	?	Indeterminada	?	_	_	2
75	?	Indeterminada	IV	_	_	?
76	?	Indeterminada	?	1?	0?	2
77	?	Indeterminada	III	1	0	2
78	W-E	Sub-rectangular	I	2	0	
79	SW-NE	Sub-rectangular	II	1	0	1